

A arte constitui, assim, algo imprescindível à felicidade humana. Educando a vontade, disciplinando os sentidos, despertando as faculdades estéticas, ela exalta, no homem, os instintos superiores, enobrecendo e dignificando a vida.

Se êsse é o escopo da arte, em geral, que dizer daquela arte, em especial, que, na opinião de Latino Coelho, é "a mais bela, a mais expressiva e a mais difícil"?

→ Achava Quintiliano que o dom da fala era um presente dos deuses e que, por isso, nenhum outro assunto lhe parecia mais digno de nosso desvêlo que a linguagem.

Arriscam-se, porém, a não poder apreciar esta arte, devidamente, aqueles que menosprezam o estudo do idioma. Bastariam as horas de deleite espiritual, que nos proporciona a palavra falada ou escrita, para nos julgarmos compensados das canseiras e abatimentos que, por ventura, nos assaltem, nas tentativas ou esforços reiterados, dispendidos em prol de seu conhecimento.

→ O homem é um ser social, por excelência. Há contingências, entretanto, que o forçam ao insulamento. Como encher, então, as horas vazias da sua velhice, em que êle se torna intratável, ou da enfermidade contagiosa, em que todos o abandonam? Só um recurso lhe resta: o livro.

Folheando as suas páginas, abeberando-se do seu conteúdo, êle se esquece da negra realidade que o esmaga e, dentro das quatro paredes da sua cela, em que o enclausurou a irritação dos seus nervos gastos pelos anos, ou em cima do leito, em que a doença o imobilizou, viaja por mundos desconhecidos, observa novos países, trava relações com outros povos, admira as suas obras, deleita-se com as suas conquistas, numa palavra, vive.

Nas palestras mudas que trava com o autor da obra, esquece o triste ambiente que o envolve, povoa a sua solidão dêsse conjunto de coisas belas, que *III* dão o encanto de viver.

Dêste prazer se vê privado quem mal sabe ler, ou se o sabe, não desenvolve suficientemente o espírito, à reição de compreender os verdadeiros artistas da palavra.

rá experimentar; é o de escrever.

*ler e escrever*  
"Quem lê, ouve apenas, não toma parte ativa na conversa. A passividade da audição acaba, muitas vezes, por provocar em nós um sentimento de tédio e revolta. Ouvindo, porém, e escrevendo, o que é uma forma de palestrar sem rumor, completa-se o deleite espiritual do cavaco, que leva muita gente ociosa a procurar os logradouros públicos, ou às mesas dos cafés, onde se fala de tudo, inclusive da vida alheia."

*da confusão com que partilha-se  
no curso de aprendizagem face o funcionamento físico*  
Mas não é só sob o prisma do deleite que devemos encarar a necessidade do conhecimento da língua. Há outro motivo <sup>de</sup> ~~de~~ <sup>relevância:</sup> ~~o~~ poderoso: a língua é o mais forte elo da nacionalidade.

Esta verdade reconheceu-a e proclamou-a Eça de Queirós, o que não impede que tenha sido êle talvez o menos nacional dos escritores portugueses: "Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra: -tôdas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro. Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade..."

Só os povos fracos ou decadentes, imobilizados na sua impotência pela perda das virtudes cívicas, assistem, indiferentes, aos atentados à sua soberania, ou ao aviltamento da própria língua.

Cultivar o idioma é, por conseguinte, prova de vitalidade de uma nação.

Razão pleníssima tinha Sêneca, ao sentenciar: Ubi cumque vidēris orationem corruptam placēre, ibi mores quoque a recto descivisse non erit dubium. Onde quer que vejas agradar um discurso corrompido, dever ter por certo que aí se perverteram os costumes.

Santo Hilário de Poitiers ia mais longe, considerava a má linguagem um pecado, segundo refere Remy de Gourmont.

Outra fôsse a língua que falamos, impendia-nos a obrigação de conservá-la extreme de impurezas e incorreções; mas, em se tratando de um idioma, como o português - "última flor do Lácio", no dizer do poeta, que se firmou, no solo lusitano, por meio de encarniçadas lutas, e que, apesar de tôdas as vicissitudes, conserva ainda a fragrância das élogas de Vergílio,

- obrigação muito maior nos assiste de mantê-lo sempre digno de suas tradições.

Em seu peregrinar pelas terras lusas, de cidade em cidade, de vila em vila, de aldeia em aldeia, nada perdeu êle das suas qualidades primitivas, e que não exagero, dá-lo o próprio Camões:

"A língua na qual quando imagina

"Com pouca corrupção crê que é a latina.

Conservando os prístinos <sup>doter</sup> ~~gragos~~ do latim, o português não se <sup>entregou a elas,</sup> ~~contendeu,~~ e foi além; ampliou e enriqueceu o seu patrimônio léxico, adquiriu maior fôrça de expressão, poliu-se e aperfeiçoou-se, alcançando essa admirável plasticidade que lhe permitiu rápida expansão pelas terras conquistadas.

Não admira, portanto, que, enamorados das suas excelências, muitos lhe exaltassem os predicados, em prosa e verso, desde João de Barros e Pero de Magalhães Gandavo, que dedicaram, em seu louvor, um longo diálogo, até Filinto Elísio, que lhe consagrou um poema, com escalas por Severim de Faria, Ferreira de Vera, Sousa de Macedo, etc.

Em seu entusiasmo incontido, Rodrigues Lôbo descobre nela todas as qualidades de língua artística - é "branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver." Almeida Garrett, com a autoridade que lhe dava o conhecimento de outras línguas, inclusive do grego e do latim, não conhece gênero literário a que "ou por doce de mais, como o toscano, não seja própria, -ou por mui áspera e guindada, como o castelhano, se não adapte, -por curta, como o francês, não chegue, -por inflexível e ríspida, como o alemão e o inglês, se não amolde."

Podereis, é certo, dizer que todos os povos exaltam, com o mesmo ardor, o idioma nativo.

Assim, o natural da França só encontra belezas e harmonias no seu francês, apesar de Schopenhauer tachá-lo de "miserável jargão" "que tem por exclusiva propriedade a repugnante nasal en, on, un, assim como o soluçante e abominável acento sôbre a última sílaba."

Para o povo da loura Albion, é o inglês que reúne todos os

proficuos para se tornar idioma internacional, o que não invalida a opinião de André Lefèvre quando o acusa do privilégio de deformar tôdas as gargantas do universo.

Grande panegirista de sua língua se afirma o alemão, a ponto de um filósofo tedesco haver proclamado que só nela é possível escrever tão bem quanto em grego e no latim, mal grado o que dela disse Paul de Saint Victor: "As idéias não circulam, chafurdam, nêsse rouco idioma. Comparado ao nosso (fala do francês) é um pântano junto a uma torrente."

Não se cansa o espanhol de gabar os dons do castelhano, intolerável para o ouvido francês, em razão da sua muita "ênfase" e "turgidez."

Para o italiano, só ~~o seu toscano~~ <sup>o seu toscano</sup> idioma del cuore tem as excelências de língua artística, o que não invalida a opinião corrente na Inglaterra, ao tempo de Macaulay, de que êle era "próprio unicamente para a loquela piçgas dos músicos e fazedores de sonetos."

<sup>O nômico</sup> ~~Ato~~ o biscainho não se mostra menos cioso de seu vasconço, por tal maneira que, na opinião de um escritor indígena, foi o idioma de que se serviu o Padre Eterno para discretear com o primeiro judeu; isto, não obstante, a anedota referida por Hovelacque, de que o demônio, tão inteligente e sábio, apesar dos sete anos que passou nas vascongadas, não se avantajou mais, no seu conhecimento, do qualquer de nós, que nunca lhe ouvimos uma palavra.

Para a exaltação da língua que falamos, porém, não é mister arrimarmo-nos à opinião dêste ou daquele escritor, luso ou brasileiro, basta que falem por nós os fatos. Quem ousará negar um grande valor artístico à língua, em que foram redigidas as "Décadas" de Barros, ou os "Sermões" de Vieira, ou ainda êsse outro momento imperecível que são "Os Lusíadas", o mais alto brasão de gloria da raça lusa e justificado orgulho de todos os povos que falam o português.

No continente americano, para não se transportarem as caravelas, que vinham do "oceno largo", e o cepto do idioma, regurgitante de cultura, lançou profundas raízes, e frondejou, e produziu jureta literários, que hoje, sem patriotada, podemos considerar de tão boa qualidade, quan-

## 6 A língua portuguesa no Brasil

No novo cenário, deu ela sobejas provas dessa plasticidade, a que se referi alhures, afeiçoando-se à garganta dos nativos, amoldando-se aos costumes americanos, impregnando-se dos ares brasileiros, que lhe abrandaram as asperezas prosódicas e lhe deram esta musicalidade característica, tão fácil de reconhecer <sup>em</sup> um brasileiro entre mil portugueses. Graças ao acento novo que ela adquiriu, em nosso meio, de nenhum modo sentimos ferida a nossa susceptibilidade nativista, quando a chamamos nossa língua.

Se os primeiros cronistas que aqui vieram dar com os costados, ainda nos falam de coisas indígenas, num idioma que não é bem o nosso, quando aparece, no limiar das letras brasileiras, um José de Alencar, um Bernardo Guimarães, ou um Franklin Távora, toda a dúvida desaparece, e avigora-se em nós a crença de que, com ser portuguesa a língua que falamos, não deixa também de ser nossa, bem nossa.

Não se veja, nesta afirmativa, uma profissão de fé na existência de uma língua brasileira, quimera que achou guarida no cérebro fantasista de alguns de nossos patrícios, por mal compreendido patriotismo, ou por pouco afeitos aos estudos linguísticos.

A nossa língua é, em verdade, a língua portuguesa, porém mais doce na sua prosódia, mais rica em seu vocabulário, mais maleável e dúctil nas formas expressivas do pensamento.

Não estamos de acordo, a pesar nosso, com mestre João Ribeiro, em sua Língua Nacional, livro revolucionário por todos os títulos, escrito, quem sabe? num desses momentos passageiros de irritação, a que era afeito o seu espírito, contra os dominadores da terra, ao afirmar que ela, no Brasil, era "independente e livre nos seus movimentos".

E discordamos, porque o ideal linguístico, entre nós, não é esse dialeto bastardo do nosso caboclo, em que pese aos modernistas, "amplo surrão", no dizer de Rui Barbosa, onde cabem à larga, desde que o inventaram para sossego dos que não sabem a sua língua, todas as escórias da preguiça, da ignorância e do mau gosto, rótulo americano daquilo que o grande escritor lusitano tratava por um nome angolês."

dos que a escreveram bem, abeberados nas fontes clássicas, como um Rui Barbosa, um Machado de Assis, um Carlos de Laet.

Não queiramos, por um estreito espírito de nacionalismo, e contrariando a verdade histórica, arvorar em língua nacional essa fala de carroceiros, tão pobre em seu vocabulário, como inculta em sua sintaxe, produto que é da ignorância das classes menos favorecidas pela sorte.

Reconhecer isto como verdade, seria anular todo um passado de glórias, relegar as nossas mais augustas tradições de cultura, em suma, considerar estranhos á nossa literatura, essa plêiade fulgurante de esecritores de que Gonçalves Dias é, entre nós, o mais elevado expoente.

Se não é propósito nosso anularmos todos êsses valores culturais, de que tanto nos orgulhamos, urge, por conseguinte, que guardemos em face da língua uma atitude reverente e admirativa, reconhecendo que a civilização de um povo se afere pelo grau de cultura <sup>de</sup> a que guindou o próprio idioma.

Sempre que estudamos uma língua, para nos servirmos dela, em nossas relações, temos como principal objetivo manejá-la bem. Destarte, a nossa preocupação, nesta matéria, consiste em sabermos o que é certo, para praticarmos, e o que é errado, para evitarmos. Isto importa dizer que precisamos ter a noção do que é correto.

Esta noção, a disciplina que nos ministra, é a Gramática. Impõe-se-nos, por conseguinte, a necessidade do conhecimento da Gramática. Tal como era ensinada outrora, com uma sistematização apressada, sem fundamentação nos fatos da linguagem, abarrotada de regrinhas, recheada de exceções, a disciplina gramatical não tinha atrativos e, se não despertava logo, no estudante, uma franca antipatia, deixavo-a, na maior parte das vezes, num estado de quasi indiferença.

Assim se explica o juízo pessimista que as gerações passadas faziam dos gramáticos "praga de gente bem excusada no mundo", na opinião do grande polígrafo português Francisco Manoel de Melo.

Flagelo da memória, os antigos estudantes a consideravam, com justiça, o verdadeiro papão da escola. Nem de outro modo a poderiam reconhecer principalmente porque, ai daquele! que lhe não sabia os precei-

Num ensino assim ministrado, não se poderiam tirar grandes vantagens. Não raro acontecia que o longo esforço dispendido nesse estudo, se anulava inteiramente, porque, no momento preciso, em que o aluno fazia apêlo à memória, fugia-lhe a regrinha, convinável ao caso, e o resultado era haver um divórcio entre esses princípios hauridos a priori e a única realidade viva que é a língua.

Haverá talvez algum exagero na crítica de Tolentino, mas a verdade é que o seu espirito alguma razão devia ter, para se mostrar tão revoltado contra os processos de ensino então em voga:

"Entre o jota e o i romano,  
"que diferença se achasse  
"trabalhava havia um ano,  
"obra que <sup>se</sup>vele acabasse  
"feliz do gênero humano!"

Esse metodo, tão contrário à realidade dos fatos linguísticos, apriorístico, irracional, predominou, infelizmente, durante muito tempo nas escolas européias. Não é para estranhar, portanto, que Grimm tache o ensino da gramática de pedanteria "com que - são palavras textuais - se perturba o livre desenvolvimento da faculdade de falar e se desconhece a formosa disposição da Natureza que nos dá o uso da palavra com o leite materno e quer que se desenvolva no lar."

Era a inversão dos valores na equação: primeiro a Gramática, e depois a língua, quando não se fazia inteira abstração desta, para só se levar em conta a gramática em si, como disciplina bastante, com finalidade própria, independente.

Não interessava o fato real, vivo, palpável; o que importava, era o fato como devia ser, ou melhor, como a Gramática julgava que devia ser, e é para isso que ela ditava as suas normas.

Esse estado de coisas favoreceu a opinião de Comillac e de outros, para quem a Gramática se resumia a um capítulo de lógica, subordinada às mesmas operações, aos mesmos processos e ao mesmo método.

Palava-se muito no perigo das definições; entretanto essa Gramática nada ensinava, sem primeiro definir. É a época feroz das

Gramáticas Filológicas, que faziam gemer os prelos inutilmente e andar à roda a cabeça dos míseros estudantes.

Os gramáticos de então não haviam chegado a compreender a grande verdade, a luminosa verdade, que depois Ferdinand Brunot assim resumiu admiravelmente: "É impossível reunir numa frase justa os empregos múltiplos duma forma de linguagem."

Qualquer que seja a definição gramatical é, por natureza, vaga, incompleta ou errônea, e a razão dá-no-la Dausat: "porque a função e a forma da palavra são coisas essencialmente móveis e cambiantes como a vida, deslizando através das malhas mais cerradas da teia, onde queremos encerrá-las."

Essa gramática que nascia do cérebro, como Minerva da cabeça de Júpiter, inteira, completa, viva, foi a que principalmente se implantou em França, donde depois se irradiou pelas outras nações da Europa, e por que não dizer também, da América. Daí a fama, justa aliás, de <sup>gerar</sup> ~~de~~ "os gramáticos da Europa."

Se as desvantagens eram grandes, num ensino assim ministrado, não se pode deixar, entretanto, de reconhecer que essa orientação lógica trouxe aos franceses alguns benefícios. Quando mais não seja, a clareza tão peculiar ao idioma de Racine é, em grande parte, atribuída à ação dessa espécie de gramáticos.

A revolução que se operou nos métodos pedagógicos das várias ciências, há pouco mais de um século, atingiu também a gramática, que perdeu muito de seu antigo prestígio.

Se ela não tem finalidade própria, se aparece depois da língua, como uma modificação do uso diuturno dos seus escritores, o que se impõe como racional e lógico, é que seja estudada em função da mesma língua. "Deve-se ensinar a gramática, diz Herder, por meio da linguagem, não a linguagem por meio da gramática."

Só a língua é a realidade viva, tangível, palpável.

O ponto de partida, por conseguinte, para o estudo da gramática, dentro da classe, deve ser o texto. A proporção que ele se desdobra, toca ao mestre mostrar que as palavras servem para traduzir as ideias ou



emoções (vocabulário); encerram tais ou quais elementos formadores (etiologia); se constituem destes ou daqueles fonemas (fonética); se escrevem dum ou doutro modo (ortografia); se pronuncia assim ou assado (prosódia); são substituíveis umas pelas outras (sinonímia); assumem sentidos vários (semântica); mas, e acima de tudo, que se combinam na frase, harmonizando as suas flexões (morfologia e sintaxe de concordância), se dispõem numa ordem mais ou menos rígida (sintaxe de colocação), prestinam de certos elementos de relação ou, ao contrário, os exigem (sintaxe de regência); e assim por diante.

Em classes mais ~~avanzadas~~ adiantadas, com assunto fornecido pelo texto, compete ainda ao mestre assinalar o gênero de composição (prosa ou verso), o seu caráter (descritivo, narrativo, dissertativo), analisar a linguagem do autor (estilo), aproveitando também a ocasião para mostrar como o mesmo pensamento pode ser expresso de diferente maneira, mais frouxa ou vigorosamente, segundo a espécie da composição, ou a intenção e estado de alma de quem escreve (figuras).

Com apóio no texto, poderá ainda fazer comentários acêrca das escolas literárias, das crenças e costumes da época, do meio em que viveu e desenvolveu o autor as suas qualidades artísticas.

É verdade que isso, hoje, está um pouco fora dos domínios da Gramática, mas não é menos verdade que êsses rudimentos de literatura e filologia são imprescindíveis, não somente para melhor entendimento do texto, como também para despertar no aluno mais interêsse pelo estudo da língua. Digo hoje, porque, entre os romanos, era ao gramático que cabia a tarefa de ministrar tôdas essas noções.

Baseando-se êsse ensino no texto, desnecessário será lembrar que ao professor incumbe escolher o livro de leitura, com o máximo cuidado, sob pena de não atingir o fim que colima. Merece ser citado, a êste propósito, o pensamento do pedagogo espanhol Ruiz Amado: "Os livros de textos, tanto mais quanto se destinam a discípulos de idade mais tenra, deveriam ser obras acabadíssimas dos homens de maior cultura e engenho, cujo trabalho estaria muito bem empregado nisto, que há de ser como fundamento da formação juvenil".

Quintiliano elogia o <sup>de</sup> método dos preceptores latinos // come-  
çar o ensino da língua pela leitura de Vergílio e Homero: "ideoque optime  
institutum esse ut ab Homero atque Vergilio lectio inciperet."

Para melhor entendimento do que se lê, é imprescindível o co-  
nhecimento das principais funções das palavras, o que equivale a dizer,  
torna-se mister saber a análise lógica.

Cumpre advertir, entretanto, que essa análise, tal como se  
pratica entre nós, particularizando de mais as funções, muito pouco adian-  
ta ao conhecimento geral da língua. É lastimável confessar que há, entre  
nós, professores, que passam o ano inteiro, ocupados com essa bizantinece,  
e o resultado é que os seus alunos, ao fim do curso, sabem toda essa ex-  
travagante nomenclatura, mas não sabem, em verdade, o que deviam saber,  
o essencial - a língua.

Para classificar tal preocupação, inútil, quando não prejudi-  
cial, melhor juízo não me ocorre, que o do grande Meillet, revoltado com  
essa mania, que, um momento, empolgou também os seus patrícios: C'est la  
démence. É a loucura.

*A análise lógica, o empirismo*  
Que dizer, então, do ensino da análise lógica, ~~remanescente de~~  
~~essa orientação~~, pelo processo cabalístico, infelizmente adotado por al-  
guns dos nossos eminentes colegas, de trezinhos horizontais e oblíquos,  
que nos dão a impressão bizarra de um desses enigmas de palavras cruza-  
das?

~~Ensine-se a análise lógica, mas apenas o quantum satis para~~  
~~a boa interpretação da frase.~~ Imaginemos que resultado aguardaria um  
Camões ou um Vieira, se hoje vivessem e tivessem de enfrentar uma ban-  
ca de portugueses, com toda <sup>essa</sup> e particularizada terminologia. Asseguro-vos  
que não seria muito animador.

Não se conclua das minhas palavras que só a Gramática possa  
habilitar-nos a manejar a língua, com segurança e perfeição. Falando da  
ciência, em geral, e principalmente da disciplina gramatical, diz um emi-  
nente linguista francês que ela "é modesta, não explica tudo".

Esta verdade tem a força de um axioma.

certos autores: "Ciência que ensina a falar e escrever corretamente a língua". Senão, vejamos. Daí a uma criança que não sabe ainda exprimir-se, oralmente, uma gramática: ela continuará muda como dantes. Ainda aos que já possuem a faculdade da fala, a gramática não lhe pode ensinar tudo. De outro modo se não explicaria que, em nossos programas, se reservasse tanto tempo ao estudo dessa disciplina.

A Gramática codifica os principais fatos da linguagem; o mais se adquire com o hábito da leitura dos bons autores e o senso da linguagem, que, no dizer de Charles Bally, tem a sua origem no "instinto de conservação social".

Tanto isso é certo que conhecemos pessoas, pouco sabedoras de regrinhas gramaticais, que, não obstante, escrevem e falam corretamente a língua. A simples observação, auxiliada por um bom dicionário, dispensa, não raro, maiores conhecimentos, neste assunto.

No estudo da língua, deve-se guardar uma posição de reserva entre as opiniões extremadas. Vale este conselho principalmente para o que diz respeito à escolha das palavras.

Há tal que não admite neologismo e só considera ouro de lei o que vem nos clássicos. Não é possível que, tantos anos volvidos, possa ~~a~~ <sup>qualquer</sup> língua viva satisfazer-se com um vocabulário que tem o ranço de uma civilização extinta. Isto seria desconhecer o seu verdadeiro papel social, que é traduzir, num dado instante, as idéias, emoções e pensamentos do povo que a fala.

Só as línguas mortas gozam do privilégio de se não modificar e, portanto, de oferecer um padrão rígido e fixo.

Se necessitarmos de um termo novo, para indicar ~~uma~~ uma idéia também nova, ponhamos de parte qualquer escrúpulo. Apadrinhemo-lo, se outros já o veicularam, ou se ainda não existe, creemo-lo, contanto que, num e noutro caso, esteja êle de acôrdo com as boas normas de criação ou formação que nos subministra a língua.

Nem mesmo diante do estrangeirismo, devemos tergiversar, com a condição de que êle represente uma necessidade e se conforme ao ge-

Já o disse o erudito professor português José Pedro Machado: "Não nos devemos preocupar com as fontes donde se importou, desde que o neologismo venha preencher uma lacuna e se adapte às condições de nossa língua".

Assim proceder não é destruí-la ou deturpá-la; "mas conservar a sua linha característica com sobriedade, elegância, esbelteza e dignidade. É, sobretudo, torná-la mais expressiva, mais plástica, mais una e mais rica."

Por que interditar um sem número de palavras que ouvimos a cada passo, nos colóquios habituais dos cafés, das praças e das ruas, ou que lemos diariamente nos jornais, nas revistas e nos livros?

Que nos importa a nós que os puristas voltem o rosto, contrafeitos, quando se nos escapole da boca, ou da pena, um detalhe, um constatar, um assassinato, um massacrar, um fornecer, etc., se tais vocábulos pertencem à língua viva, não contrariam os nossos hábitos linguísticos, e exprimem, com exatidão, o que queremos?

Já passou a época de Fr. Francisco de S. Luís, Felinto Elísio, Silva Túlio e outros, que viam, por tôda parte, espantalhos de galicismos.

"Abra-se a antiga, veneranda fonte

"Dos genuínos clássicos, e soltem-se

"As correntes da antiga, sã linguagem

- mas para que neles

aprendamos a urdidura da frase, conservando, o quanto possível, a nossa fala o genuíno ar de português, e não para que nos cinjamos exclusivamente ao seu léxico, que não representa já as conquistas da nossa atual civilização.

Acostumados à leitura das obras francêsas, antes mesmo que nos acabedalemos das suficientes noções do idioma, muito a nosso mau grado, vamos inconscientemente tecendo o discurso ao jeito francês e, por isso, precisamos, de quando em quando, retemperar o espírito na lição dos antigos escritores.

Para isso, só para isso, é que nos servem os clássicos.

No que tange aos termos vulgares, devemos agir com ~~liberdade~~ <sup>cautelosidade</sup> cau-

paga aos cuidados delicados, e faz que se não tenha em boa conta aquele que frequentemente os emprega.

É fato sabido, entretanto, que as línguas românicas provieram do latim falado pelo povo inculto, êsse mesmo latim vulgar dos bairros excusos de Roma, que era o desespero dos gramáticos.

Não menos cuidado, falando ou escrevendo, urge ter com essas palavras genéricas, de emprego geral, negócio, coisa, troço, sujeito, etc., ou com os chamados bordões, a que nos arrimamos, no fim ou no comêço da frase, como então, aí, não é, pegou, etc., que tanto afeiam a linguagem e desgostam os que nos ouvem.

São essas as normas gerais que nos traçamos, sempre que tomarmos a cargo orientar uma classe, no estudo do português.

Em se tratando de ensinar a língua a funcionários públicos, não descobrimos motivos ponderosos que nos levem a mudar de orientação.

O objetivo de quem estuda a língua, é sempre o mesmo - aprender a manejá-la. Logo, outro não poderá ser o processo de ensiná-la.

Cumprê, todavia, admitir que a linguagem oficial é um tanto rígida, e obedece a certas fórmulas praxiáticas, cujo conhecimento se adquire com o tempo e com o exercício. Além da necessária correção que se exige em tôdas espécies de composições, requer a linguagem oficial a máxima clareza, para que os atos da administração sejam facilmente compreendidos. Termos pouco comuns, frases artisticamente urdidas, construções arrevesadas, devem ser postas à margem, como pouco convináveis com a redação oficial. O objetivo meramente utilitário dessa redação é, por natureza, contrário às largas digressões, obrigando-nos a ser sintéticos na linguagem, precisos no vocabulário, claros na exposição.

Há nella fórmulas consagradas para tudo. Assim, um ofício não se redige da mesma maneira que um requerimento; um decreto difere, na redação, de uma portaria; um relatório não se assemelha a um memorial, uma deliberação não se confunde com uma simples ordem de serviço.

Nas relações de inferiores com superiores, e vice-versa, o protocolo exige tratamento adequado, que varia, segundo os graus de hi-

co baiano que viu a sua pretensão indeferida, pelo simples fato de haver dado a um juiz togado o democrático tratamento tu.

Mas é já tempo de colhermos a vela a esta estirada preleção.

Estudem a língua vernácula, com o mesmo, senão maior, amor e devotamento, com que nos aplicamos às outras ciências.

Só assim poderemos, num futuro não muito remoto, ter uma classe de funcionários de escola, que seja a glória do nosso Estado e o orgulho do Brasil.

Bem haja, por conseguinte, o Sr. Interventor, que, com a sua hipervisão de estadista consumado, entreviu a necessidade de elevar o nível cultural dos servidores públicos, donde sairão os futuros técnicos de administração, capazes de dar à Velha Província o brilho e esplendor, que ela merece, entre as outras unidades de Federação.